

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 5 MARÇO 1991

CADERNOS DO IL

Revisão

Prof. Tereza Lemos

Dad. de publicação

Prof. Ana Maria de M. M. Santos

Origem

Prof. Paulo Roberto

Comissão Editorial

Prof. Ana Maria de M. M. Santos

Prof. Paulo Roberto

Prof. Tereza Lemos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Coordenador

Prof. Paulo Roberto

Prof. Ana Maria de M. M. Santos

Prof. Paulo Roberto

Prof. Tereza Lemos

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 5 MARÇO 1991

ensino da literatura anglo-americana e, conseqüentemente, para a formação de um profissional de Letras mais consciente e atuante no seu campo de trabalho.

NOTAS

¹ São disciplinas obrigatório-alternativas: LET 271 Literatura Inglesa I, LET 272 Literatura Inglesa II, LET 273 Literatura Inglesa III, LET 276 Literatura Norte-americana I e LET 296 Literatura Norte-americana II. São opcionais: LET 207 Literatura Inglesa em Tradução I, LET 723 Literaturas Canadense e Australiana, LET 729 Imagens da Mulher na Literatura Moderna Anglo-americana e LET 757 Literatura Inglesa em Tradução II.

² Consideramos o pré-requisito das disciplinas de literatura anglo-americana uma questão a ser igualmente discutida num futuro próximo; sabemos que o domínio da língua é importante para um bom desempenho do aluno nas aulas de literatura, mas o é igualmente o estudo da cultura correspondente. Por exemplo, às vezes o aluno faz Cultura Inglesa e, posteriormente, cursa dois semestres de literatura Norte-americana, quebrando uma seqüência lógica na aquisição de conhecimentos.

³ Talvez nem isso - George Bernard Shaw certa vez disse que Inglaterra e Estados Unidos eram dois países separados pela mesma língua.

BERND, Zilé¹

NOTAS PARA UM BALANÇO DO INTERCÂMBIO CULTURAL BRASIL/QUEBEC

Doze anos após o início das relações culturais entre o Brasil e o Quebec, algumas reflexões sobre o futuro destas relações se impõem no momento em que, na minha opinião, elas se encontram, com raras exceções, em perda gradual de velocidade.

O número da revista *Etudes Littéraires* (Québec, Universidade Laval, 1983), intitulado "Regards du Brésil sur le Québec", coordenado por Maximilien Laroche, constitui-se em ponto de partida obrigatório para uma reflexão sobre o estado atual da pesquisa e do ensino da Literatura do Quebec no Brasil. Este número especial foi concebido na época eufórica em que os professores das principais universidades brasileiras como as do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte acabavam de descobrir a América Francófona. Os professores quebequenses, por sua vez, conscientizavam-se de sua pertença à latinidade e das múltiplas possibilidades de troca que se abriam com a América Latina.

O primeiro Estágio para professores latino-americanos de francês, realizado na Universidade Laval, em 1978, e o Congresso Mundial da Federação Internacional de Prof. de Francês, no Rio de Janeiro, em 1980, tiveram uma influência capital nesta abertura para a francofonia e nós - professores de francês - aproveitamos para exorcisar os fantasmas de uma longa hegemonia cultural da França que determinou entre nós complexos de inferioridade em relação à nossa própria cultura.

Efetivamente, o ensino do francês no Brasil foi sempre marcado pela francomania dominante do séc. XIX a qual persistiu até bem recentemente, apesar do Movimento Modernista de 1922, que tentou modificar o olhar deslumbrado dos brasileiros em relação aos valores culturais europeus.

Este ambiente de alienação cultural já havia sido sacudido pelo boom da literatura latino-americana dos anos 60, que nos fez (re)valorizar uma produção que negligenciávamos em favor da produção européia. Esta movimento de recentramento da América favoreceu o contato com o Caribe francófono - através

¹ Profa. do Depto. de Línguas Modernas do IL - UFRGS

do qual descobrimos que as Antilhas também pertenciam à América dita Latina - e com o Quebec, cuja situação semelhante de passado colonial e de dependência cultural representava uma via possível de diálogo.

Deste número de *Estudos Literários*, destaco dois artigos: o de Maximilien Laroche (p. 185-202) e o de Lillian Peste de Almeida (p. 253-274). O primeiro: "A literatura quebequense diante da literatura latino-americana" (conferência pronunciada em São Paulo, em 1982), anunciava de modo otimista as possibilidades de diálogo intercultural, em vista da trajetória comum em direção à autonomia, à identidade e à originalidade. Entretanto, durante o debate que se desenvolveu após a conferência, alguns professores da Universidade de São Paulo, como Irlemir Chiampi e Flávio W. de Aguiar, propunham a reflexão da noção de antropofagia cultural, metáfora criada por Oswald de Andrade para caracterizar "a situação do selvagem que devora o branco, incorpora seus valores, o consome, o digere, restaurando assim seu patrimônio cultural" (p.195). Segundo Chiampi esta antropofagia não se encontra no Quebec: "existe uma contradição na americanidade quebequense. Penso em uma certa deferência do quebequense pela cultura e pela língua francesas" (p.196). E Aguiar acrescentou: "Como imagem, a antropofagia remete a uma tática cultural para quem a melhor defesa é a agressão; devorar o que temos diante de nós para fazê-lo nosso. Enquanto no Quebec a preocupação cultural mais constante foi a defensiva: a de não ser devorado" (p.200).

O segundo artigo, de Lillian Peste de Almeida, da Universidade Federal Fluminense, "Olhar periférico sobre a francofonia ou por que e como ensinar as literaturas francófonas nas Américas", fundamenta-se na hipótese de que o Brasil e o Quebec têm "uma necessidade de se exprimir enquanto sujeitos porque durante muito tempo (foram) objetivados. Tudo isto cria, na produção literária das Américas, uma temática comum e sem dúvida clama por uma poética comum" (p.260). De onde a proposta de adoção de uma perspectiva comparatista. Para tanto a autora sugere que nos afastemos de um comparativismo de base tradicional que procurava as "fontes e as influências" e que adotemos perspectivas mais fecundas como o estudo contrastivo que trabalha "as similitudes e sobretudo a diferença, prestes, se necessário, a subverter a cronologia". Esta focalização permitiria, entre outras coisas, sublinhar de maneira mais operatória a universalidade recíproca dos dois corpi.

Seis anos depois da publicação deste número de *Etudes littéraires*, em 1989, Fernand Melançon, da Universidade de Montreal, publica o Relatório de pesquisa n.6, intitulado "A Literatura do Québec e a América - guia bibliográfico" que evidencia que, se alguns estudos relativos às relações entre a Literatura do Quebec e a América do Norte foram realizados, quase nenhum trabalho procurou estabelecer laços rigorosos com a América Latina e, ainda menos, com o Brasil. A grosso modo, as publicações, em língua francesa, limitam-se a um número especial da revista que acabamos de citar e a um número especial da revista *Voix & Images*, da Universidade de Quebec em Montreal (UQUAM), em 1986.

No que diz respeito à realidade brasileira, a Universidade Fed. Fluminense constituiu-se em uma das raras exceções onde o ensino e a pesquisa se fazem de maneira sistemática desde 1980. Entre as universidades mais importantes do Brasil tais como a USP, as federais do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, apesar dos esforços dos docentes, o trabalho ou não é sistemático, ou se realiza apenas na graduação (USP) ou se encontra ainda em fase de implementação (UFRGS) em nível de pós-graduação...

Se esta é a situação atual, após doze anos, é com toda a certeza porque a Literatura Brasileira não encontrou seu espaço nas universidades do Quebec. A consequência perversa dessa falta de reciprocidade é que a maioria dos últimos professores, vindos do Quebec em missão cultural ao Brasil, revelaram um desconhecimento total dos discursos culturais brasileiros, o que restabelece, de certo modo, o caráter colonialista que caracterizou as missões francesas o qual temos combatido encarniçadamente.

No relatório de pesquisa que acabamos de citar, o autor destaca os trechos de Irlemir Chiampi e Flávio Aguiar, igualmente citados na primeira parte deste artigo, e acrescenta: "Apesar das nuances que seria necessário agregar a esta metáfora para aplicá-la ao Quebec, ela poderia permitir que um debate fosse relançado o qual, apesar da diversidade das contribuições, sofre cruelmente da falta de renovação. A noção de devoração poderia ser uma destas fontes de renovação" (Melançon, p.11).

Trata-se de uma proposta extremamente importante pois permite-nos avançar no mesmo caminho. Esta atitude defensiva, não-antropofágica, que faz com que os quebequenses se voltem para sua própria cultura, sem querer, ao que parece, integrar a dos outros, corre o risco de condenar as trocas culturais ao fracasso. Em outras palavras, a ausência quase total de pesquisa literária sobre o Brasil e a América Latina no Quebec bem como a inexistência de cursos de literatura brasileira, nos leva a concluir que a identidade quebequense está se construindo sem dar conta da alteridade americana.

As relações culturais não podem ser unilaterais. A bilateralidade se impõe como condição sine qua non para o futuro dos acordos entre o Quebec e os países latino-americanos.

A guisa de sugestão para o aperfeiçoamento das relações culturais Quebec/Brasil, apresento a seguir alguns subsídios:

- a) em nível do ensino: adoção sempre que possível de perspectivas comparatistas. Esta recomendação aliás já aparecia no artigo citado de Lillian P. de Almeida: "O ensino das literaturas, de um modo geral, ganharia se fosse feito na perspectiva da antropofagia cultural. E aliás o que, sem esperar pelos historiadores e pelos críticos, os escritores e os criadores têm praticado em toda parte" (p.269);
- b) em nível das missões: inserção da Literatura do Quebec no âmbito de assuntos mais abrangentes tais como identidade, americanidade, mitos americanistas,

fantástico, pós-modernidade, etc. que possam facilmente suscitar o interesse de estabelecer paralelos com a literatura nacional;

c) em nível de pesquisa: assinatura de acordos prevendo publicações e missões nos dois sentidos; através de publicações coletivas, interrogar o estatuto dos discursos comparatistas no Brasil e no Quebec e determinar a partir de que conceitos e de que abordagens a análise comparatista pode realizar-se.

Em seu último livro, Maximilien Laroche nos fala da "Descoberta da América pelos americanos". Retomo seus argumentos para concluir estas reflexões: "Descobrir, inventar", é produzir pela primeira vez uma coisa, mas que já poderia existir de maneira virtual ou dissulada". Segundo Derrida, "se falássemos hoje da invenção da América ou do Novo Mundo, isto significaria a descoberta ou a produção de novos modos de apreender, de projetar ou de habitar o mundo, não a criação ou a descoberta da existência de um território nomeado América" (Derrida, p.41).

Talvez seja isto que nos falte ainda realizar: reinventar a América, isto é, encontrar novas maneiras de apreendê-la, de projetá-la e de habitá-la. Para chegar lá, talvez seja preciso abandonar o conceito fechado e etnocêntrico de identidade, voltado para Dentro, e vislumbrá-lo como dinâmica do Dentro/Fora que contempla o conceito de alteridade. Substituir a primazia do MESMO (IDEM, presente na etimologia de "identidade") pelo olhar para o OUTRO (presente na etimologia de "alteridade"). (Cf. Régine Robin)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ETUDES LITTERAIRES, Quebec, Presses de l'Université Laval, 16 (2), aout 1983.
- 2 MELANÇON, Benoit. La Littérature québécoise et l'Amérique - guide bibliographique. Université de Montreal, 1989. n.6.
- 3 DERRIDA, Jacques. *Psyché, l'invention de l'autre*. Galilée, 1957.
- 4 ROBIN, Régine. *Vice-versa*, Montreal, n.17, dez. 1989.
- 5 LAROCHE, Maximilien. *La découverte de l'Amérique par les américains*. Quebec, GRELCA, 1989.